Virginia Woolf

PENGUIN CLÁSSICOS

Uma Sociedade

Nº 4

«Assim que
aprender a ler,
só há uma
coisa em que
podes ensiná-la
a acreditar,
e é em si
mesma.»

VIRGINIA WOOLF

Nasceu em 1882, Londres, Reino Unido

Morreu em 1941, Lewes, Reino Unido

Uma Sociedade foi originalmente publicado na coletânea de contos *Monday or Tuesday*, dada ao prelo em 1921, pela The Hogarth Press.

Foi assim que tudo aconteceu. Certo dia, terminado o chá da tarde, ficámos ali sentadas. Éramos umas seis ou sete, e algumas contemplavam, do outro lado da rua, as montras de uma chapelaria, onde a luz ainda brilhava intensamente sobre plumas escarlates e chinelos dourados. Outras entretinham-se a construir pequenas torres de açúcar na borda do tabuleiro do chá. Volvido algum tempo, tanto quanto me lembro, acercámo-nos da lareira e começámos, como era habitual, a louvar os homens

— a sua força, a sua nobreza, o seu brilhantismo, a sua coragem e beleza — e como invejávamos aquelas que, de alguma forma e feitio, conseguiam atracar-se a um deles para toda a vida —, quando a Poll, que até então se mantivera em silêncio, desatou a chorar. A Poll, devo confessar, sempre foi esquisita. Para começar, o pai era um homem fora do vulgar. Deixou-lhe uma fortuna por testamento, mas com a condição de ler todos os livros da London Library. Consolámo-la o melhor que pudemos, mas sabíamos, no íntimo, que era inútil. A verdade é que, apesar de gostarmos dela, a Poll não fica a dever nada à beleza; anda com os atacadores desapertados; e, enquanto louvávamos os homens, deve ter ficado a pensar que nenhum deles alguma vez teria vontade de se casar com ela. Por fim,

enxugou as lágrimas. Durante algum tempo, nada do que dizia fazia sentido aos nossos ouvidos. Era deveras estranho, sem sombra de dúvida. Contou-nos que, como era do nosso conhecimento, passava a maior parte do tempo na London Library, a ler. Começara, disse-nos, pela literatura inglesa, no último andar, e ia avançando, de forma metódica, até chegar ao *Times*, no rés do chão. Mas agora, percorrida metade do caminho, ou porventura apenas um quarto, acontecera algo terrível. Já não conseguia prosseguir as suas leituras. Os livros não eram o que julgávamos.

— Os livros — exclamou, levantando-se de um salto, falando com uma intensidade de desolação que jamais esquecerei — são, na sua maioria, inconcebivelmente maus!

Como não podia deixar de ser, exclamámos que Shakespeare escrevera livros, tal como Milton e Shelley.

— Oh, sim — interrompeu-nos. — Estou a ver que têm a lição bem estudada. Mas não frequentam a London Library. — Dito isto, desfez-se novamente em soluços. Por fim, recompondo-se um pouco, pegou num dos livros da pilha que trazia sempre consigo e abriu-o — *From a Window* ou *In a Garden*, ou um título desse género — de um autor chamado Benton ou Henson, ou coisa assim. Leu-nos as primeiras páginas. Escutámo-la em silêncio.

— Mas isso não é um livro — disse alguém.

Escolheu então outro. Desta vez, era um livro de História, mas já me esqueci do nome

do autor. A nossa inquietação ia em crescendo conforme ela prosseguia. Nada daquilo parecia verdadeiro, e o estilo em que estava escrito era execrável.

— Poesia! Poesia! — gritámos, impacientes.

— Lê-nos poesia! — Nem consigo descrever a desolação que se apoderou de nós quando ela abriu um pequeno volume e começou a declamar a verbosa e sentimental tolice que continha.

— Deve ter sido escrito por uma mulher — atalhou uma de nós.

Mas não. Ela disse-nos que fora escrito por um jovem, um dos mais célebres poetas do momento. Mal podem imaginar o estado de choque em que esta descoberta nos deixou. Apesar dos nossos protestos e súplicas para

que não continuasse, a Poll insistiu e leu-nos excertos de *Lives of the Lord Chancellors*. Quando terminou, a Jane, a mais velha e sensata entre nós, ergueu-se e declarou que, por si, não estava convencida.

— Por que razão — indagou —, se os homens escrevem semelhantes disparates, tiveram as nossas mães de desperdiçar a juventude a trazê-los ao mundo?

Ficámos todas em silêncio; e, nesse silêncio, ouvia-se a desgraçada da Poll a soluçar:

— Porquê, porque é que o meu pai me ensinou a ler?

Clorinda foi a primeira a cair em si.

— A culpa é toda nossa — disse. — Todas nós sabemos ler. Mas nenhuma de nós, tirando a Poll, se deu ao trabalho de o fazer. Eu, por exemplo, sempre tomei como certo que era dever de uma mulher passar a juventude a dar à luz. Venerava a minha mãe por ter tido dez filhos; ainda mais a minha avó, que pôs quinze neste mundo; a minha própria ambição, devo confessar, era ter uma vintena. Ao longo de todo este tempo, sempre acreditámos que os homens eram igualmente laboriosos e que as suas obras tinham igual mérito. Enquanto dávamos à luz os filhos, eles, julgávamos nós, davam à luz os livros e as pinturas. Nós povoámos o mundo. Eles civilizaram-no. Mas, agora que sabemos ler, o que nos impede de julgar os resultados? Antes de trazermos outra criança ao mundo, devemos prometer que iremos descobrir a verdadeira natureza deste.

Por isso, constituímo-nos numa sociedade destinada a fazer perguntas. Uma de nós deveria visitar um navio de guerra; outra haveria de esconder-se no gabinete de um erudito; uma terceira assistiria a uma reunião de homens de negócios; enquanto isso, todas leríamos livros, admiraríamos quadros, iríamos a concertos, manteríamos os olhos bem abertos nas ruas e faríamos perguntas incessantemente. Éramos muito jovens. Podereis julgar a nossa ingenuidade quando vos disser que, antes de nos despedirmos nessa noite, concordámos que a vida tinha como objetivo trazer ao mundo boas pessoas e bons livros. O intuito das nossas perguntas seria perceber até que ponto esses objetivos estavam a ser alcançados pelos homens. Jurámos solenemente que não traríamos ao mundo uma única criança enquanto não estivéssemos satisfeitas.

E lá fomos nós, umas para o British Museum, outras para a Royal Navy, algumas para Oxford, outras para Cambridge; visitámos a Royal Academy e a Tate Gallery, ouvimos música moderna em salas de concerto, assistimos a julgamentos nos tribunais e vimos peças de teatro recentes. Nenhuma de nós jantava fora sem interrogar o seu par acerca de certos assuntos e sem registar meticulosamente as respostas. De quando em quando, reuníamo-nos para compararmos as nossas observações. Oh, como eram animados aqueles encontros! Nunca me ri tanto como quando a Rose leu as suas notas sobre a «Honra» e descreveu como se disfarçara de príncipe etíope e embarcara num dos navios de Sua Majestade. Descoberto o embuste, o capitão visitou-a (agora que se fazia passar por um simples cavalheiro) e exigiu a reparação da honra.

— Mas como? — perguntou ela.

— Como? — bradou ele. — Com a bengala, obviamente!

Vendo que estava possesso e temendo que tivesse chegado o seu último momento, ela inclinou-se e recebeu, para seu espanto, seis leves palmadas no traseiro.

— Está vingada a honra da Royal Navy! — exclamou ele e, erguendo-se, ela viu-o, com o suor a escorrer-lhe pelo rosto, a estender-lhe uma mão direita trémula.

— Afastai-vos! — exclamou ela, adotando uma pose teatral e imitando a ferocidade da expressão do seu oponente. — Falta reparar a minha honra!

— Falastes como um verdadeiro cavalheiro! — respondeu ele, mergulhando num

profundo pensamento. — Se seis palmadas vingam a honra da Royal Navy — murmurou ele —, quantas serão necessárias para vingar a honra de um simples cavalheiro?

Ele disse que preferia submeter o caso à consideração dos seus colegas oficiais. Ela respondeu, altiva, que não podia esperar. Ele elogiou a sua sensibilidade.

— Deixai-me pensar — exclamou, de repente. — O vosso pai tinha uma carruagem?

— Não — respondeu ela.

— Um cavalo de montaria?

— Chegámos a ter um burro — lembrou-se —, que puxava a máquina de cortar relva.

A estas palavras, o rosto dele iluminou-se.

— O nome da minha mãe... — acrescentou ela.

— Por amor de Deus, homem, não mencioneis o nome da vossa mãe! — gritou ele, a tremer como varas verdes e ruborizado até à raiz dos cabelos, e foram precisos pelo menos dez minutos para ela conseguir persuadi-lo a prosseguir. Por fim, decretou que, se ela lhe desse quatro palmadas e meia na zona lombar, precisamente no ponto que ele lhe indicasse (concedendo-lhe a meia palmada, disse, em reconhecimento da morte do tio da bisavó dela em Trafalgar), consideraria que a honra dela ficaria completamente restaurada. Assim fizeram; retiraram-se para um restaurante, beberam duas garrafas de vinho — as quais ele insistiu em pagar — e despediram-se com protestos de amizade eterna.

Em seguida, ouvimos o relato da Fanny sobre a sua visita aos tribunais. Na primeira visita, concluíra que os juízes eram feitos de madeira ou que eram, na verdade, grandes criaturas semelhantes ao homem, treinadas para se moverem com extrema solenidade, murmurar e acenar com a cabeça. Para testar a sua teoria, largara um lenço repleto de varejeiras-azuis no momento crítico de um julgamento, mas não conseguiu avaliar se as criaturas demonstravam sinais de humanidade, pois o zumbido das moscas mergulhou-a num sono tão profundo que só despertou a tempo de ver os prisioneiros serem conduzidos às celas situadas em baixo. No entanto, com base nas provas que apresentou, decidimos, por votação, que seria injusto supor que os juízes são homens.

A Helen foi à Royal Academy, mas, quando lhe pedimos que apresentasse o seu relatório sobre as pinturas, abriu um livrinho azul-pálido e começou a declamar:

— Oh!, pelo toque de uma mão que sumiu e pelo som duma voz que emudeceu. Regressa a casa o caçador, regressa da colina. As rédeas do cavalo sacudiu. O amor é doce, o amor é breve. A primavera, a bela primavera, é o rei aprazível do ano inteiro. Oh!, estar em Inglaterra agora que abril chegou. Devem os homens trabalhar, e as mulheres chorar. A via do dever é o caminho para a glória.

Não conseguimos continuar a ouvir aquela algaraviada.

— Chega de poesia! — gritámos.

— Filhas de Inglaterra! — começou ela, mas desta vez puxámo-la para baixo, derrubando com o alvoroço um jarro de água, que a encharcou.

— Graças a Deus! — exclamou, sacudindo-se como um cão. — Agora vou rebolar pelo tapete, a ver se consigo livrar-me do que resta da Union Jack. A seguir, talvez... — E pôs-se a rebolar vigorosamente. Ao erguer-se, começou a explicar-nos como eram as pinturas modernas, quando a Castalia a interrompeu.

— Qual é o tamanho médio de um quadro? — perguntou ela.

— Aí uns sessenta centímetros por oitenta — disse.

A Castalia ia tomando notas enquanto a Helen falava e, quando terminou e tentávamos evitar trocar olhares, ergueu-se e disse:

— A vosso pedido, passei a semana passada em Oxbridge, disfarçada de serviçal. Assim, tive acesso aos aposentos de vários professores e tentarei dar-vos uma ideia do que vi... só que — interrompeu-se — não faço ideia de como devo proceder. É tudo tão estranho. Aqueles professores — fez uma pausa e prosseguiu — vivem em grandes casas rodeadas de relvados, cada qual encerrado numa espécie de cela. No entanto, têm todo o conforto e comodidade. Basta premirem um botão ou acenderem uma pequena lâmpada. Os seus documentos estão meticulosamente organizados. Livros não faltam. Não há crianças nem animais, salvo meia dúzia de gatos

vadios e um velho dom-fafe... um macho. Lembro-me — fez nova pausa — de uma tia minha que vivia em Dulwich e cultivava catos. Para chegar à estufa, era preciso atravessar as duas salas de estar, e ali, sobre os canos de água quente, havia dezenas deles, feios, rechonchudos, eriçados, cada qual no seu vaso. De cem em cem anos, dizia a minha tia, o aloé florescia. Mas ela morreu antes disso. — Pedimos-lhe que voltasse ao assunto. — Ora bem — retomou —, quando o professor Hobkin saiu, examinei o trabalho da sua vida, uma edição de Safo. É um livro de aspeto singular, tem uns quinze centímetros de espessura, mas não é todo da autoria de Safo. Oh, não. A maior parte é uma defesa da castidade de Safo, que um alemão qualquer negara, e posso assegurar-vos que a paixão com que estes dois senhores argumentavam,

a erudição que demonstravam, o prodigioso engenho com que discutiam o uso de um instrumento que a mim me parecia, a todos os títulos, um gancho de cabelo, me deixaram perplexa; sobretudo quando a porta se abriu e apareceu o professor Hobkin em carne e osso. Um cavalheiro idoso, deveras simpático e pacato, mas que poderia ele saber de castidade?

Interpretámos mal as suas palavras.

— Não, não — protestou —, ele é a honra em pessoa, disso tenho a certeza. Nem se parecia nada com o capitão da Rose. Eu estava a pensar era nos catos da minha tia. Que conhecimento poderiam eles ter sobre castidade?

PENGUIN

LITTLE BLACK

CLASSICS

PENGUIN CLÁSSICOS

Nº 4

Uma Sociedade

Um insólito conto em que as mulheres decidem investigar se o tempo passado a ter e educar filhos foi bem empregue.

Penguin Random House Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-908-7

9 789895 839087